



FVC

Fotos, vídeos e café

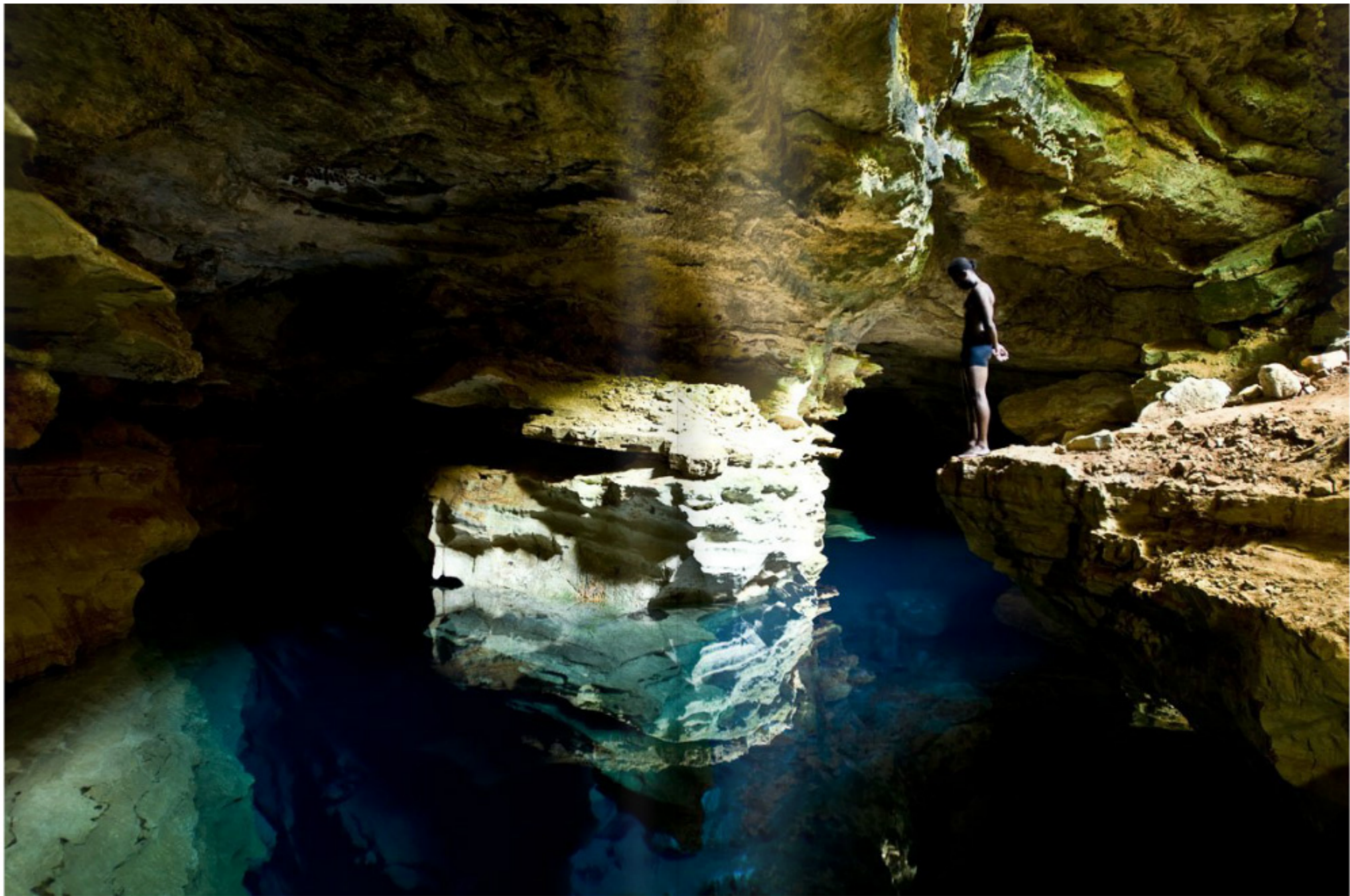
CANON VERSUS

Galerias, entrevistas, equipamentos, dicas e muito mais. 6ª Ed

ENTREVISTA | **VALDEMIR CUNHA**

www.editoraorigem.com.br





Chego à minha casa depois de um longo dia de trabalho e percebo um pacote embrulhado em meu nome, abri-o com uma certa curiosidade, o que será?

Logo percebi que era um livro sobre fotografias do Brasil, fotografias de Valdemir Cunha. Cada página que via ia me sentindo cada vez mais dentro do país, como é diversificada essa nossa terra.

As imagens são incríveis, assim como o relato que Valdemir forneceu à FVC.

Acompanhe:

-Como começou a fotografia e por quê?

Meu pai gostava muito de fotografia, tinha álbuns repletos de imagens em preto e branco da sua juventude e manteve esse hábito na família. Lembro bem algumas passagens da minha infância em que a fotografia esteve muito presente. Vou contar uma em especial, quando eu tinha quatro anos estávamos, eu ele e minha irmã, numa grande represa no interior de São Paulo e vimos centenas de borboletas amarelas numa prainha.

Valdemir Cunha



Recordo-me em dizer que era uma pena estarmos usando filme preto e branco. Essa é a lembrança mais antiga que tenho da minha relação com a fotografia na in-

fância.

Muito depois disso, no primeiro ano do curso de jornalismo comprei uma Nikon FM2 usada com uma lente 50 mm F1.4 e comecei a fotografar algumas manifestações estudantis no final dos anos 80. Naquela época também fazia fotos de divulgação de meu grupo de teatro amador. Dai a fotografia não saiu mais da minha vida.

Hoje tenho certeza que foi meu pai, e seu gosto pela fotografia, que me fizeram fotógrafo.

-Em que consiste seu trabalho fotográfico?

Sou um fotógrafo documentarista que se preocupa muito mais com a importância da história que estou contando do que apenas com uma grande imagem. Claro que quanto melhor as fotos que você tem para contar uma história, mais força e relevância o fotógrafo consegue em sua narrativa. E, como fotógrafo documentarista, foquei nos últimos cinco anos todo meu trabalho para temas brasileiros.

Acho que nosso país carece de uma documentação fotográfica mais ampla e depois de conhecer boa parte do mundo - como foi editor de fotografia das revistas Os Caminhos da Terra, Viagem&Turismo e Próxima Viagem, tive a oportunidade de fotografar mais de 80 países - percebi que o que realmente me fascina é o Brasil. E em nosso país, busco lugares menos conhecidos com









um modo de vida que aos poucos está se perdendo, se transformando.

Quero documentar esse Brasil Invisível (que não por acaso é o título do meu próximo livro previsto para ser lançado no final do ano que vem) para que no futuro tenhamos um registro desse país que não existirá mais da forma que conhecemos hoje.

-Qual o resultado emotivo (amadurecimento) que seu trabalho te agregou?

De certa forma, essa escolha por fotografar o que chamo de Brasil Invisível é um retorno as minhas raízes, a minha infância. Embora tenha nascido e crescido na cidade de São Paulo, toda minha família é do interior e, quando criança, convivi com fazendas, pequenas cidades, com gente da zona rural que para mandar os filhos à escola tinha que fazer um esforço danado.

Nas minhas andanças pelos rincões do Brasil me identifiquei com a gente que mora nesses lugares onde o Estado e todas as suas benesses não estão presentes. Lugares onde escolas, saúde pública, saneamento básico são quase ficção. E mesmo assim essa gente vive com dignidade e luta para seus filhos frequentarem a escola.

Essa gente acredita que com a força de seu trabalho tudo vai melhorar e que seus filhos vão conseguir uma vida com mais fartura quando crescerem. E foi a partir da fotografia que descobri esse Brasil Invisível, o Brasil da minha infân-

cia. Porque eu sou fruto desse Brasil Invisível.

-Surpresas que apareceram durante seus trabalhos (casos que queira contar).

Na verdade não diria que foi uma surpresa, mas uma sorte que nunca imaginei ter. No início de minha vida como fotógrafo fiz um pouco de tudo para ganhar dinheiro e acabei me especializando em fotos de cavalos. Fotografei para todas as revistas especializadas na área e até fiquei conhecido entre criadores de algumas raças como a do Lusitano.

Por esses contatos conheci Jayme Monjardim (diretor de cinema e telenovelas) logo depois que ele terminou a novela Pantanal exibida na extinta TV Manchete em 1989. Ele estava voltando para o Pantanal para fazer pré-produção de um novo projeto. Depois de ver meia dúzia de imagens que fiz de seus cavalos -ele era criador de lusitano -, resolveu me chamar para viajar com ele. Foram 40 dias explorando todo o Pantanal em busca de locações para uma minissérie (que acabou não saindo).

Além de trabalhar com ele na viagem, passei seis meses editando todo material com ele. Confesso que foi nesse período que me tornei fotógrafo e a partir dessa viagem e do olhar do Jayme meu trabalho ganhou consistência e devo muito a ele. Foi a partir desse período que surgiu meu primeiro grande projeto que foi em documentar o Panta-





nal por quinze anos para lançar um livro. Em 2007, quinze anos depois da viagem com o Jayme, lancei Pantanal o último Éden, pela DBA editora.

-O que espera poder acrescentar ao mundo da fotografia?

Confesso que não tenho grandes ambições ligadas ao mundo da fotografia. Quero apenas continuar fotografando o Brasil e documentando esse país gigantesco que a cada dia chama mais a atenção do mundo. Isso dá aos fotógrafos brasileiros oportunidades incríveis porque existem tantas histórias relevantes que podemos contar com nosso trabalho. E com as possibilidades tecnológicas disponíveis hoje e o interesse do mundo no Brasil, acredito que a fotografia brasileira não pode perder esse momento.

Quanto menos nos preocuparmos em mostrar nosso trabalho apenas num pequeno circuito de fotógrafos e gente ligada à área, maior será nossa chance de que boas histórias contadas através de ensaios fotográficos cheguem ao grande público.

-Com que equipamento trabalha?

Continuo com Nikon, já tentei migrar para a Canon várias vezes ao longo de meus 20 anos de profissão, mas faltou dinheiro. Vender tudo que tenho para trocar de marca significa perder 40% de tudo que investi em equipamento. Ainda não tive condições de assumir esse prejuízo.

Claro que sempre tem a esperança da

Nikon virar o jogo e se igualar a Canon (falando de filmar em HD). Hoje trabalho com uma D3S e com lentes da série N e estou muito feliz com os resultados que consigo, mas o problema ainda são os vídeos.

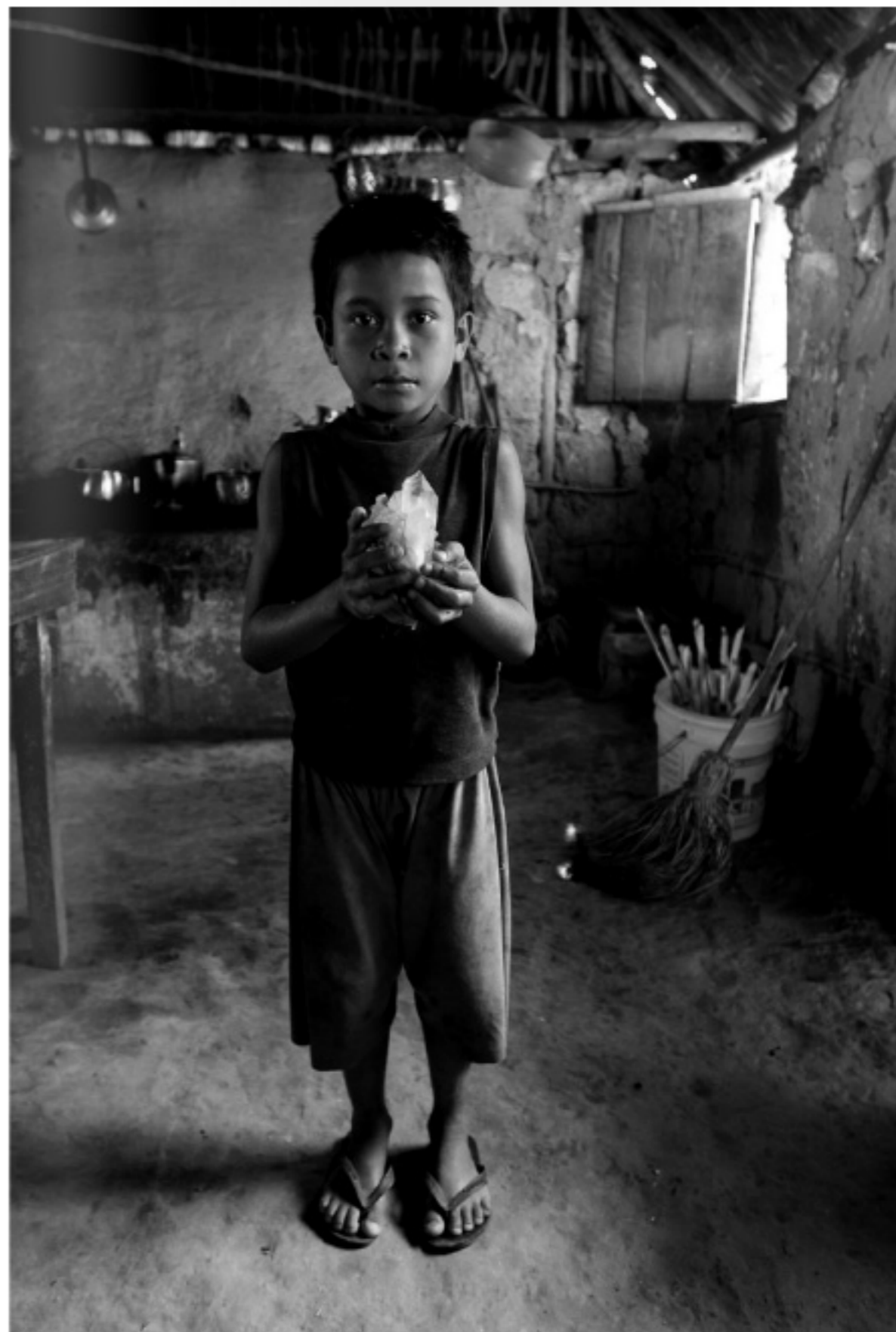
-Como pretende seguir sua carreira? Algum projeto/plano para o futuro?

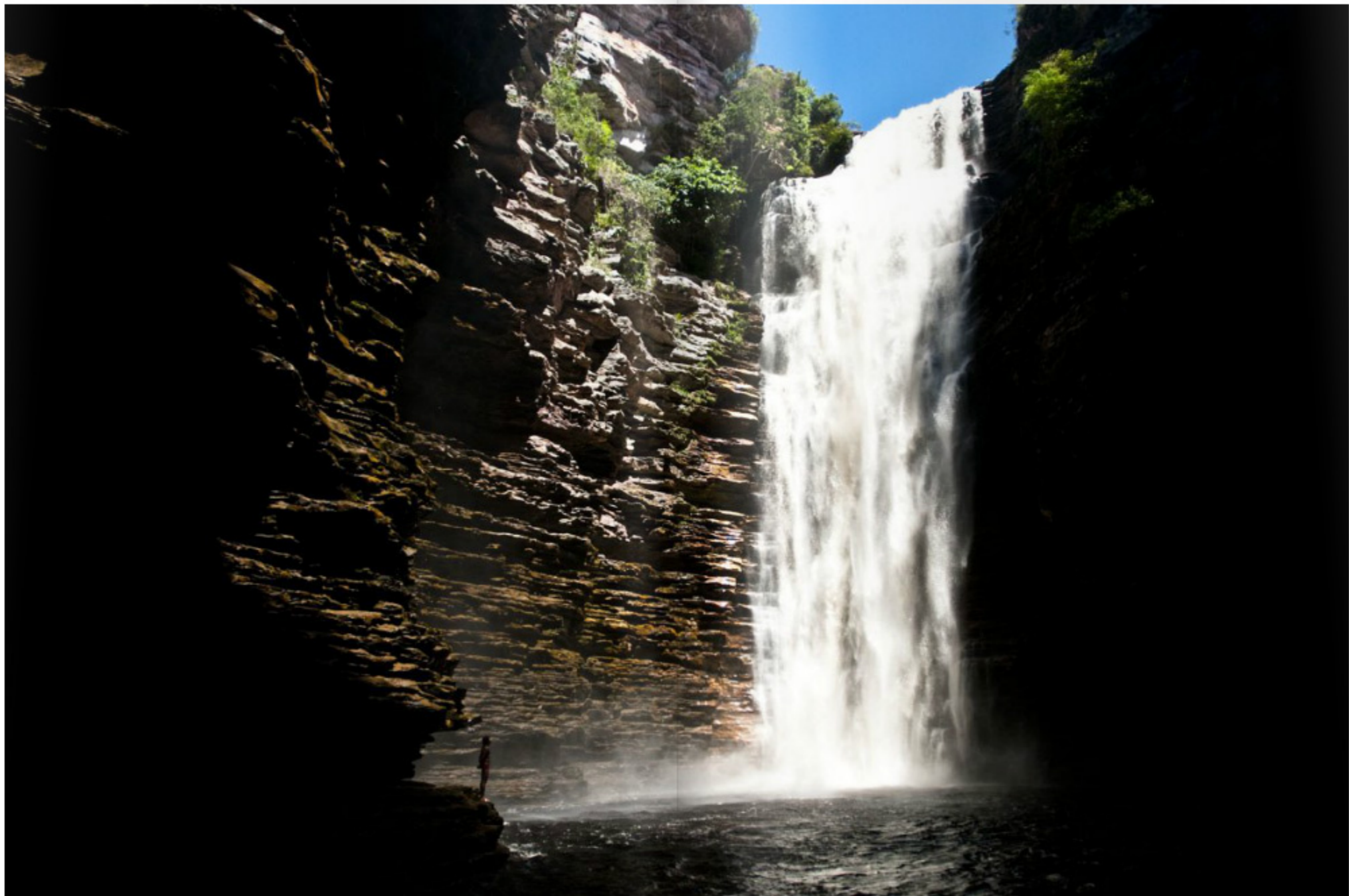
Depois de ficar quase 20 anos no mercado editorial trabalhando como editor de fotografia e editor executivo, resolvi me voltar a projetos pessoais. Há dois anos estou trabalhando na minha editora, a Origem, e agora em novembro (dia 22, na livraria da Vila em Pinheiros) lanço o primeiro livro com o selo de minha editora, o Brasil Natural.

Tenho vários projetos em face de captação de verba via lei de incentivo fiscal e minha idéia é continuar publicando meus livros pela Origem e quem sabe editar livros de outros fotógrafos brasileiros que sonham em ter seus trabalhos publicados. De certa forma estou tentando fazer a mesma coisa que fazia na Revista Os Caminhos da Terra, uma publicação que dava espaço para grandes ensaios de fotógrafos que viajavam pelo Brasil em busca de boas histórias. Mas sei que ainda estou muito no começo dessa nova empreitada.

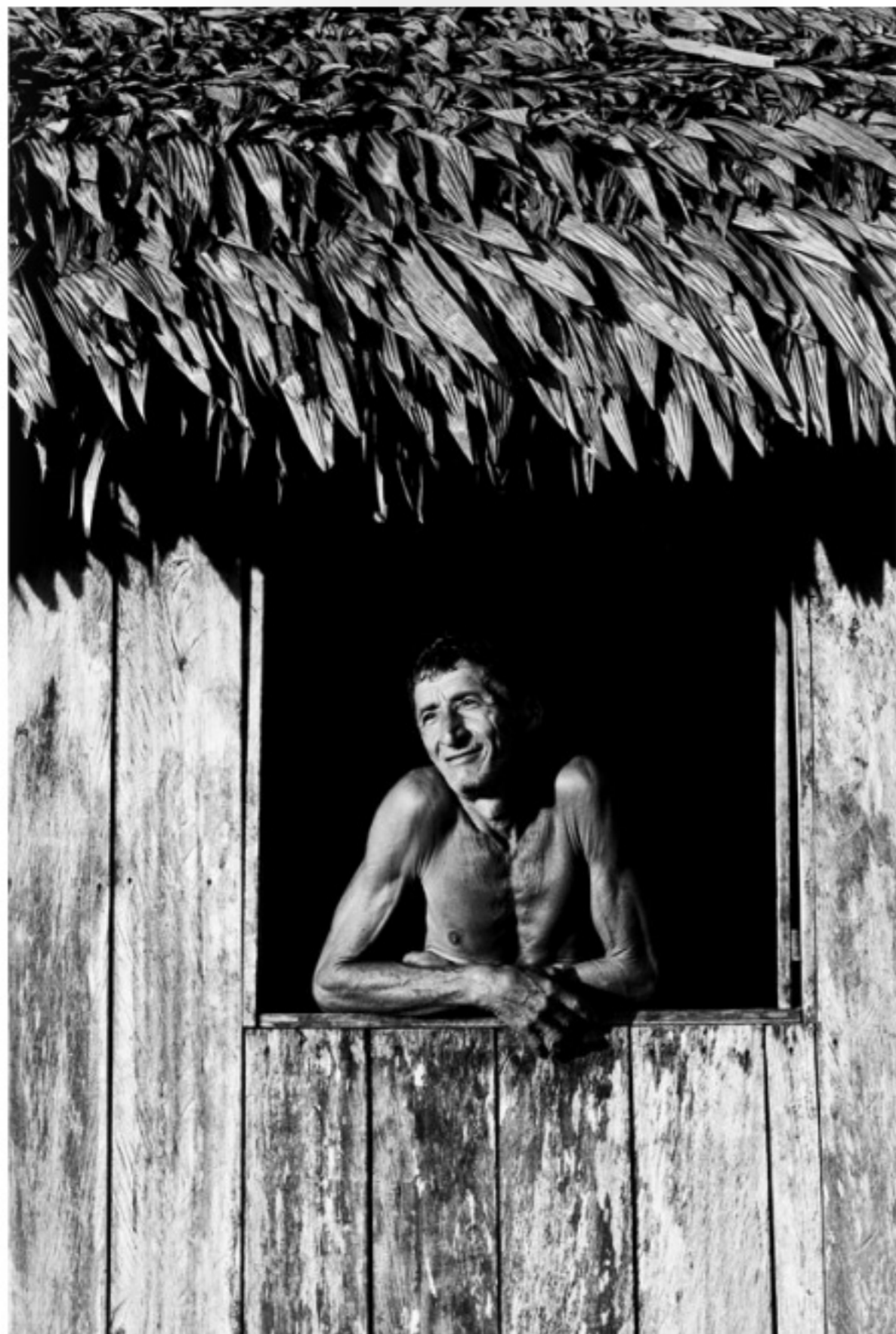
-Fotógrafos que admira.

Como estou falando muito da fotografia brasileira, vou listar os brasileiros que mais gosto. Araquém Alcântara é um









exemplo a ser seguido. Além da qualidade de seu trabalho ele é um empreendedor. Hoje já tem mais de 40 livros lançados e para mim está entre os melhores fotógrafos do mundo. Thiago Santana, João Roberto Ripper, Walter Firmo, Cristiano Mascaro, Pedro Martinelli, German Lorca, Thomas Farkas (que embora húngaro considero um brasileiro que nos contou grandes histórias) são profissionais que admiro e tenho vários livros deles em meu acervo.

Não poderia deixar de citar também mais seis fotógrafos que tento ver tudo que produzem ou produziram e que para mim são como mestres, Cartier Bresson, Ansel Adams, Pierre Verger, Sebastião Salgado, Steve McCurry e Frans Lanting.

-Pra você, em que consiste a fotografia? O que compõe uma boa foto?

A fotografia para mim é uma boa forma de contar histórias que as pessoas não conseguem ver. Histórias do cotidiano que estão tão presentes ao nosso dia a dia e que passam pelos olhos da maioria das pessoas sem serem notadas. Acho que a fotografia é uma das melhores e mais simples possibilidades dessas histórias serem contadas. Claro que essa resposta está intimamente ligada a minha formação de documentarista.

Não gosto muito de definir o que é uma boa foto porque sei que muitas imagens que gosto escoarão de minha definição, mas vamos lá: uma boa foto é aquela que consegue sintetizar toda a

mensagem que o fotógrafo quer passar em poucos elementos. Quando você, ao observar uma imagem, percebe que não se deve tirar nem acrescentar nada a ela, provavelmente você está diante de uma boa foto.

-Uma dica aos nossos leitores.

Tente olhar mais atentamente ao seu redor e tente fugir desse turbilhão de informações visuais de má qualidade que poluem nosso dia a dia. Para os fotógrafos, pensem em projetos de longo prazo, busquem histórias que precisem ser contadas e mergulhem nelas.

Acredito que estamos passando por uma fase de boas oportunidades para viabilizar projetos consistentes na área de fotografia como livros, sites, exposições, e qualquer projeto ligado a imagens. ☐



“Brasil Natural”, livro com fotografias de Valdemir Cunha.



